

**Este estudo é dedicado à elevação da alma de Esther Alpern a"h**

**Favor não transportar este impresso no Shabat; após o Shabat, estará à sua disposição**

### **Por que o primeiro versículo menciona Aharon e seus filhos**

Esta *Parashá, Tsav*, começa com as palavras: "Ordene a Aharon e seus filhos" (*Vayicrá* 6:2), pois os mandamentos desta *Parashá* são especificamente endereçados aos *cohanim*.

O *Midrash* oferece uma explicação adicional sobre por que Aharon aparece neste primeiro versículo: o nome de Aharon foi omitido de toda a *Parashá* anterior, *Vayicrá*; somente seus filhos são mencionados. O Altíssimo omitiu o nome de Aharon pois ainda estava ressentido por ele ter participado da criação do bezerro de ouro. Por isso, Moshê intercedeu pelo irmão, aproveitando a oportunidade de suplicar por Aharon quando *Hashem* lhe ditou a *mitsvá* de preparar lenha para o Altar.

"Que tipo de madeira é conveniente para acender fogo no Altar?" perguntou Moshê.

"Todos os tipos, exceto ramos de videiras e oliveiras", informou D'us. "Estas duas têm status de honra graças às frutas que produzem. Ramos de videira não devem ser usados como lenha no Altar, pois ela fornece vinho para as libações; assim também a oliveira, pois esta produz azeite para a *Menorá* e oferendas de farinha."

Moshê discutiu imediatamente:

"Mestre do Universo, parece de Tuas palavras que uma pessoa merece perdão meramente por produzir uma descendência digna. Tu honraste a videira e a oliveira graças ao seu produto. Não deverias então tratar Aharon de forma honrosa (e dirigir-se a ele diretamente), apesar de Tua ira, mesmo se for somente pelos seus filhos dignos?"

"Aceito seu argumento", concedeu *Hashem*, demonstrando Sua aquiescência ao começar a *Parashá* de *Tsav* com as palavras "Ordene a Aharon e seus filhos..."

### **Esta Parashá explica mais sobre os corbanot (oferendas)**

A *Parashá* anterior, *Vayicrá*, nos ensinou sobre cinco grupos de *corbanot*. São eles: *olá*, *minchá*, *shelamim*, *chatat* e *asham*. A *Parashat Tsav* nos contará mais sobre estes cinco grupos.

Por exemplo, sabemos que os sacrifícios *olá* devem ser abatidos apenas durante o dia. *Hashem* ensinou a Moshê: "Se um *corban olá* foi abatido durante o dia, os *cohanim* podem continuar queimando-o durante toda a noite." Da mesma forma, a gordura de outros *corbanot* podia ser queimada noite afóra.

Dessas leis vemos que alguns *cohanim* estavam de plantão no *Bet Hamicdash* durante toda a noite. E outros *cohanim* teriam de começar a *avodá* (serviço) ao romper do dia. Apesar das longas horas, os *cohanim* estavam sempre prontos e ansiosos para cumprir o serviço Divino.

### **Olát Hatamid / As oferendas diárias de olá**

*Hashem* ordenou que a primeira oferenda matinal obrigatória fosse um cordeiro, trazido como oferenda de *olá* da comunidade. Um segundo cordeiro seria oferecido à tarde, diariamente.

Instruindo os *cohanim* acerca das oferendas de *olá* diárias, *Hashem* empregou a expressão introdutória "*Tsav / Ordene*", um termo pedindo rapidez e zelo no assunto.

*Hashem* achou necessário encorajar os *cohanim* a serem rápidos e entusiásticos ao oferecer o sacrifício de *olá*, sabendo que sempre que perda financeira está envolvida em uma *mitsvá*, as pessoas tendem a relaxar no seu cumprimento e precisam de encorajamento especial.

Os *cohanim* na verdade não incorriam em perda financeira ao oferecer o sacrifício diário de *olá*. No entanto, precisavam de encorajamento especial já que não tinham qualquer benefício material desta oferenda, que era inteiramente queimada.

Certa vez aconteceu num ano de seca que o imperador Monobaz abriu seus tesouros e distribuiu-os com mão aberta entre os necessitados. Sua família opôs-se de forma unânime ao seu gesto generoso.

"Seus antepassados", protestaram, "empregaram muito esforço e labuta para acumular esta fortuna e para aumentar o tesouro da família. Como pode agora esbanjar tudo com os pobres?"

Ao que ele replicou:

"Meus pais juntaram um tesouro na Terra;  
eu estou juntando um tesouro no Céu.  
Meus pais guardaram-no num local inseguro;  
eu guardei-o seguramente.  
Meus pais guardaram-no sem ter proveito;  
eu estou investindo-o de modo benéfico.  
Meus pais acumularam tesouros em dinheiro;

eu estou acumulando tesouros para as almas.  
Meus pais reservaram para outros;  
eu estou reservando para mim mesmo.  
Meus pais guardaram-no neste mundo;  
eu o estou guardando no Mundo Vindouro.”

Esta história nos ensina que aplicar dinheiro em *mitsvot* é um investimento eterno. Fazer caridade não deve ser considerado como “perda de dinheiro”. Pelo contrário, este é o melhor investimento que uma pessoa pode fazer para si mesma, o único tipo de investimento que é inquestionavelmente benéfico. Com este ponto em mente, um judeu deve investir pelo menos um décimo do seu dinheiro para *tsedacá*.

### **Terumat Hadêshen / A mitsvá de recolher um punhado de cinzas do Altar**

Toda manhã, era realizado um sorteio entre os *cohanim* para determinar quem realizaria o serviço diário de remover um punhado de cinzas do Altar. Esta era a primeira *mitsvá* do dia. Era realizada imediatamente depois de o precursor do *Bet Hamicdash* ter anunciado “Levantem-se para o serviço, *cohanim*, *leviyim* e representantes da comunidade!”

O *cohen* escolhido pelo sorteio imergia num *micvê*, vestia os trajes especiais para este serviço e abluía pés e mãos com água do lavatório. Segurando uma pá de prata, subia ao Altar, pegava um punhado de cinzas de cima dele e o depositava na pá de prata. Carregava a pá com as cinzas para o lado leste da rampa e as depositava no chão, numa marca especial designada para este propósito.

Assim que a *mitsvá* de *terumat hadêshen* era completada, todos os *cohanim* que estavam em serviço naquele dia, após terem abluído as mãos e os pés com a água do lavatório, corriam ao Altar para limpá-lo das cinzas que sobraram. Eles as empilhavam no centro do Altar num montinho conhecido como *tapuach* (maçã). Esse acúmulo de cinzas servia como ornamento do Altar, chamando a atenção ao fato de que um grande número de sacrifícios tinha sido oferecido.

Sempre que a pilha central crescia excessivamente, as cinzas excedentes eram levadas para um local especial em *Yerushaláyim*, onde ficavam protegidas do fogo e dos animais selvagens. Somente a um *cohen* era permitido levar o excesso de cinzas para os arredores de *Yerushaláyim*. O *cohen* que as levava para lá vestia roupas sacerdotais menos importantes que as vestidas no restante do serviço. Era considerado impróprio descartar as cinzas com os trajes usados para os serviços dentro do Santuário, pois “não é digno de um servo servir o vinho ao seu mestre com os mesmos trajes que usa para cozinhar a refeição”.

Cada simples tarefa realizada no *Bet Hamicdash*, até remover cinzas, que poderia ser encarada como inferior, era realizada por um *cohen*. No *Bet Hamicdash*, o palácio de *Hashem*, não havia lugar para arrogância; até a pessoa mais honrada deveria sentir-se humilde na presença de *Hashem*.

Nossos Sábios nos contam que ocorria um milagre com as cinzas, depois que o *cohen* as colocava no chão. O solo as engolia, e nenhum traço delas ali ficava! Este milagre era um sinal de *Hashem*, que Ele estava satisfeito com a *avodá* e lembraria sempre o mérito dos *corbanot* queimados.

Qual o propósito da *mitsvá* diária de *terumat hadêshen*, tirar uma pá cheia de cinzas do Altar?

Não sabemos o que *Hashem* tinha em mente quando nos deu esta *mitsvá*. Apesar disso, podemos aprender um conceito importante:

Um *cohen* poderia sentir-se orgulhoso porque de todos os judeus, apenas os *cohanim* foram escolhidos por *Hashem* para fazer o serviço Divino.

A *mitsvá* de *terumat hadêshen* ensinava os *cohanim* a serem humildes. A primeira tarefa que tinham de fazer pela manhã era retirar cinzas do Altar e colocá-las no chão.

Um *cohen* poderia pensar que este não era um serviço apropriado para ele. Poderia ter preferido ordenar a um não-*cohen* para fazer este “trabalho insignificante”.

Mas *Hashem* ordenou que somente um *cohen* o fizesse e que ao fazê-lo estivesse vestido com suas roupas especiais. A *mitsvá* também ensinava ao *cohen* que ele era simplesmente um servo de *Hashem*

### **A qual cohen era designada a mitsvá de retirar as cinzas no Templo**

Quem dentre os *cohanim* recebia a *mitsvá* de retirar as cinzas do Altar?

Primeiramente, qualquer *cohen* de plantão no *Bet Hamicdash* naquela manhã poderia decidir que queria fazer *terumat hadêshen*. Quem primeiro começasse, recebia a *mitsvá*.

Se vários *cohanim* desejavam fazer *terumat hadêshen*, correriam pela rampa do Altar. Aquele que atingisse primeiro o topo da rampa, tinha o direito de cumprir a *mitsvá*.

Certa vez, entretanto, um triste incidente ocorreu. Dois *cohanim* chegaram ao topo ao mesmo tempo. Um deles estava tão ansioso para conseguir a *mitsvá* que empurrou o outro *cohen* para fora da rampa. O homem rolou para baixo e quebrou a perna.

Os juizes do *San'hedrin* perceberam que as regras teriam de ser mudadas. Decidiram: "Como os *cohanim* amam até mesmo essa humilde função a ponto de competirem por ela, de agora em diante deverá ser compartilhada da mesma maneira que as outras tarefas do *Bet Hamicdash*, por sorteio."

O "sorteio" no *Bet Hamicdash* era feito de maneira especial:

Os *cohanim* formavam um círculo. Cada *cohen* levantava um dedo, e o *cohen* encarregado do sorteio pegava um certo número, por exemplo trinta e sete. Então ele começava a contar os dedos levantados, começando de qualquer ponto do círculo e seguindo em volta. O *cohen* cujo dedo era "trinta e sete" era o escolhido.

O *cohen* escolhido para a *avodá* de *terumat hadêshen* vestia as roupas sacerdotais, pegava uma pequena pá de prata e subia no Altar. Enchia a pá com cinzas e punha as cinzas no lado da rampa.

### **A mitsvá de manter um fogo constante no Altar**

*Hashem* ordenou que os *cohanim* arranjassem três pilhas de madeira, chamadas de *maarachot*, no Altar exterior, que estava situado no pátio do Santuário.

1. A *maarachá guedolá*, uma grande pilha de madeira, foi estabelecida no lado leste do Altar. Nesta pilha maior eram queimados todos os sacrifícios.

2. Além disso, uma outra pilha de madeira foi empilhada no canto sudoeste do Altar. Os *cohanim* pegavam fogo daquela pilha e o levavam para o Altar de ouro na seção do Santuário chamada *côdesh*. Lá era queimado o incenso, com o fogo fornecido do Altar exterior.

3. Uma terceira pilha de madeira que podia ser colocada em qualquer parte do Altar foi empilhada com o propósito específico de cumprir a *mitsvá* de "Um fogo constante deve queimar no Altar; este nunca deverá apagar-se". Aquele fogo não podia extinguir-se; deveria arder mesmo durante o *Shabat* e mesmo quando *Benê Yisrael* estavam viajando. Ele queimou ininterruptamente por mais de cem anos.

Era *mitsvá* adicionar dois pedaços de madeira à *maarachá guedolá* (a pilha grande) duas vezes ao dia, quando os sacrifícios de *olá* matinal e vespertino eram oferecidos.

Na verdade, a adição de madeira não era necessária para manter o fogo, pois um fogo Celestial repousava constantemente no Altar. No entanto, *Hashem* ordenou aos *cohanim* a *mitsvá* de manter o fogo com o intuito de trazer bênção sobre o povo judeu como resultado do cumprimento da *mitsvá*.

O fogo Celestial que repousava sobre o Altar exterior era distinguido através de cinco características:

- Durante a era do primeiro *Bet Hamicdash*, sua forma parecia-se com a de um leão.
- O fogo Celestial radiava um brilho ofuscante como a luz do Sol.
- Suas chamas eram substanciais, e não débeis como as de um fogo comum. Por isso, a água não podia apagá-las. Apesar de o Altar estar situado no pátio, debaixo de céu aberto, as chuvas nunca o extinguiram.
- Consumia tanto materiais secos como líquidos.
- Não produzia fumaça. Porém, o fogo aceso pelos *cohanim* produzia fumaça, que subia para o céu numa coluna vertical, sem nunca ter sido desviada pelo vento.

Há mais maravilhas que podem ser notadas em relação ao fogo do Altar exterior:

- O calor intenso constantemente irradiado não derretia a cobertura de cobre do Altar (um milagre similar ao do arbusto de espinhos que não se consumia, quando *Hashem* falou com Moshê pela primeira vez.)
- Os pés dos *cohanim* não eram prejudicados pelo calor, apesar de andarem descalços sobre o Altar.

### **Como os judeus abasteciam o Altar com madeira mesmo em épocas perigosas**

Antes que o segundo *Bet Hamicdash* fosse destruído, os romanos governavam *Êrets Yisrael* e emitiram muitos decretos perversos contra os judeus. Um deles era:

"Nenhuma madeira poderá ser levada ao Templo para manter aceso o fogo sobre o Altar."

Para ter certeza de que nenhum judeu levaria madeira ao *Bet Hamicdash*, os romanos montaram guarda em todas as estradas levando a *Yerushaláyim*. Os guardas abriam cada pacote levado pelos viajantes. Parecia impossível contrabandear madeira para o Templo.

Mas judeus não são detidos quando se trata de manter a *Torá* e as *mitsvot*, mesmo em face do perigo. Eles não permitiriam que os romanos extinguissem a chama do Altar.

Uma família temente a D'us teve uma idéia. Juntaram madeira boa, livre de insetos e a pregaram formando escadas. Puseram as escadas nos ombros e marcharam pela principal estrada até *Yerushaláyim*.

"Pare!" disseram os guardas. "Para que são estas escadas?"

"Vamos para a nossa casa de pássaros que está numa árvore. Precisamos da escada para subir até lá."

Os guardas não suspeitaram, e deixaram o grupo passar. Assim que os judeus chegaram ao *Bet Hamicdash*, separaram os pedaços das escadas e deram a madeira aos *cohanim* para que a pusessem sobre o Altar.

Os Sábios louvaram esta família corajosa. Ficaram conhecidos como "*Benê Salmai*", que significa "a família da escada" (a palavra *salmai* está relacionada com *sulam*, escada).

### **Minchat Chinuch / A oferenda de iniciação para cada cohen**

*Hashem* ordenou: "Cada *cohen* deve trazer uma oferenda de farinha no dia em que for consagrado." Esta oferenda era chamada de "*minchat chinuch* / oferenda de iniciação", já que ela iniciava o *cohen* no serviço Divino. Assim como todas as oferendas de *minchá*, esta consistia de farinha, óleo e incenso.

### **Minchat Chavitin / A oferenda diária do Sumo Sacerdote**

Duas vezes ao dia, o Sumo Sacerdote era obrigado a oferecer uma *minchá* chamada "*minchat chavitin*", financiada pelo seu próprio dinheiro. Ele trazia metade dela pela manhã e a outra metade à tarde. O Sumo Sacerdote a preparava misturando óleo e farinha, quebrando a massa em pedaços do tamanho de um *kezáyit* (28,8g) cada, salgando-os e queimando-os sobre o Altar, junto com um punhado de incenso. Ninguém tinha a permissão de comer nem mesmo uma parte da sua oferenda; ela devia ser completamente queimada.

Por que o Sumo Sacerdote devia fazer diariamente uma oferenda particular?

Nossos Sábios nos ensinam: "Primeiro enfeite-se a si próprio, depois adorne os outros!" Este ditado implica que uma pessoa deve trabalhar em seu auto-aperfeiçoamento antes de reprovar os outros.

A máxima dos nossos Sábios, "Primeiro enfeite-se a si próprio", é uma admoestação para que o judeu não estabeleça padrões de acordo com o que "os outros fazem", ou o que é "geralmente aceito". Por exemplo: "A maioria das pessoas que conheço fala *lashon hará*"; "Todos aceitam este produto como *cashé*". Cada um deve ter como objetivo elevar a si mesmo de acordo com os padrões da *Torá* em todas as áreas da vida, um objetivo que pode ser atingido através do constante estudo de *Torá* e seguindo as instruções dos nossos mestres. Cada um deve ser um exemplo de conduta apropriada para os outros.

Se alguém tem o mesmo vício sobre o qual reprova os outros, suas palavras não serão aceitas.

Como era tarefa do Sumo Sacerdote obter perdão pelos pecados de toda a nação, nada mais correto do que ele mesmo livrar-se dos próprios pecados. Por isso, oferecia um sacrifício diário para obter perdão por suas transgressões.

- A oferenda do Sumo Sacerdote servia como encorajamento para que os pecadores retornassem e levassem a requerida oferenda pela sua transgressão. Observando que até o Sumo Sacerdote pedia perdão por meio de um sacrifício, eles admitiriam seus pecados da mesma forma e não ficariam constrangidos.
- A oferenda de *minchá* do Sumo Sacerdote era do tipo usualmente trazido pelos pobres mais necessitados. Consistia somente de farinha e óleo. Assim, o necessitado não sentiria vergonha ao oferecer sua parca oferenda de farinha, já que era idêntica àquela trazida pelo Sumo Sacerdote.

### **Mais sobre as oferendas chatat**

Um judeu que fez certos pecados é obrigado a fazer um sacrifício chamado *chatat* (como explicamos na *Parashá* anterior, *Vayicrá*).

*Hashem* acrescentou: "Um *chatat* é abatido no lado norte do Altar, no mesmo lugar do sacrifício *olá*."

Por que no mesmo local do sacrifício *olá*?

Desta maneira *Hashem* salva um pecador de constrangimento. Se alguém viu seu amigo oferecer um *corban*, não saberia se o amigo estava oferecendo um *chatat* por um pecado ou um *olá*, que é um *corban* voluntário. E assim o pecador não se sentiria constrangido por ter trazido um *corban* por um pecado, porque aqueles que o viam não saberiam que tipo de sacrifício estava trazendo.

### **Devemos tomar cuidado para não envergonhar o próximo**

Devemos aprender de *Hashem* a agir sempre de maneira que façamos os outros se sentirem bem. Esta história nos conta como:

Certa vez *Hashem* puniu o Rei Shelomô, tirando-o de seu trono real e fazendo-o vagar em lugares distantes como mendigo. Finalmente, ele achou seu caminho de volta a *Yerushaláyim*.

Um homem rico reconheceu o rei apesar das roupas esfarrapadas. Perguntou-lhe: "Posso convidá-lo para jantar em minha casa, Majestade?"

Shelomô aceitou e foi levado ao lindo salão de jantar do homem. Foi-lhe servida uma deliciosa refeição de carnes caras e saborosos acompanhamentos. Quando Shelomô estava a ponto de começar a comer, o homem rico iniciou uma conversa com ele. "Lembra-se", perguntou a Shelomô, "quando Sua Majestade convidou todos para uma refeição em seu palácio?"

Pensando sobre seu problema atual e comparando-o aos tempos em que as coisas tinham sido boas, Shelomô suspirou e pousou o garfo e a colher.

O homem pareceu não perceber como suas palavras fizeram Shelomô infeliz; apenas continuou falando.

"Jamais esquecerei o tempo em que fui visitá-lo em *Yerushaláyim*, quando o senhor estava julgando as pessoas", disse ele. Começou a descrever o que tinha visto naquela ocasião. Durante toda a refeição, o homem falou sobre a antiga posição de Shelomô como rei. Não percebeu que o convidado perdera o apetite

por causa de suas palavras sem consideração. Shelomô apenas suspirou e chorou ao pensar na magnificência que havia perdido. Ao final da refeição Shelomô levantou-se, sem sequer tocar na comida.

No dia seguinte, Shelomô vagava pelas ruas de *Yerushaláyim* quando um homem pobre o reconheceu.

“Posso convidá-lo a jantar comigo, Majestade?” perguntou.

Shelomô queria recusar, pensando na sua infeliz experiência anterior, mas o homem insistiu.

“Por favor, deixe-me compartilhar minha refeição com o senhor”, implorou ele, até que o rei aceitou.

Como o anfitrião não podia se dar ao luxo de comprar carne, ofereceu ao rei apenas uns poucos legumes. Quando se sentaram para comer, o anfitrião começou a falar palavras encorajadoras a Shelomô. “Não se preocupe com sua infeliz situação atual, meu amo”, disse ele. “Mesmo que agora esteja pobre e rebaixado, *Hashem* com certeza deixará que seja rei novamente. *Hashem* prometeu a seu pai, o Rei David, que o reinado permaneceria sempre com sua família. Da mesma forma que um pai às vezes precisa punir o filho, *Hashem* o está castigando porque o ama. Mas no final, *Hashem* o perdoará.”

Quando Shelomô ouviu estas palavras, seu coração ficou leve e sentiu-se confortado. Comeu os vegetais em seu prato com grande prazer. Nem mesmo a refeição mais elegante poderia ter sabor melhor para ele.

Mais tarde, quando Shelomô compôs o livro de *Mishlê*, escreveu: “É melhor servir apenas vegetais a um convidado e fazê-lo sentir-se bem do que oferecer um boi gordo e ao mesmo tempo fazê-lo sentir-se mal.”

### **O *shelamim* oferecido para agradecer a *Hashem* por um milagre**

Na *Parashá* anterior a *Torá* explicou que se um judeu deseja oferecer um *corban shelamim*, uma oferenda que expressa sua felicidade para *Hashem*, pode fazê-lo. Partes do *shelamim* são comidas pelo ofertante e sua família.

Esta *Parashá* acrescenta que se alguém está numa situação perigosa e *Hashem* milagrosamente o salva, deve oferecer um sacrifício de *shelamim* para agradecer. Este *shelamim* especial é chamado *shalmê todá*, os *shelamim* de agradecimento.

Um judeu levava uma “oferenda de Ação de Graças” se pudesse encaixar-se numa das seguintes situações:

1. Foi libertado da prisão.
2. Recuperou-se de uma grave doença.
3. Retornou de uma viagem marítima.
4. Viajou pelo deserto e voltou são e salvo.

Se esteve em qualquer outra situação perigosa e *Hashem* o salvou, deve também oferecer *shalmê todá*.

Estas quatro categorias estão descritas em *Tehilim*, cap. 107. *Hodu Lashem*, quatro tipos de pessoas são obrigados a agradecer a *Hashem*; aqueles que:

- Versículo 4: “Vagaram pelo deserto”,
- Versículo 10: “Sentaram no escuro e na sombra da morte, presos na aflição e no ferro” (alusão aos prisioneiros),
- Versículo 17: “Foram afligidos por conta do seu caminho pecador” (denotando aqueles que foram acometidos de doenças),
- Versículo 23: “Aqueles que desceram ao mar em navios, que fazem negócios nas águas abundantes”.

Hoje em dia, se alguém sobrevive a uma das situações críticas acima mencionadas, deve recitar uma bênção especial de graças, *bircat hagomel*, no lugar da oferenda.

O profeta Yoná foi ordenado pelo Todo Poderoso a viajar para a cidade não-judaica de Ninvê e proclamar que, a não ser que os habitantes fizessem *teshuvá*, seriam destruídos dentro de quarenta dias. O profeta não queria cumprir esta missão. Ele temia muito que os não-judeus aceitassem suas palavras para escapar da destruição; seu arrependimento, embora temporário e não sincero, poderia acender a cólera Divina contra os judeus, que por natureza, não podiam ser tão facilmente influenciados para ouvir as advertências Divinas. Yoná, por isso, deixou *Érets Yisrael*, sabendo que fora da Terra Santa, o espírito de *Hashem* não se comunicaria com ele e não enviaria mais profecias para que transmitisse o recado.

No entanto, enquanto Yoná navegava no oceano, *Hashem* causou uma ventania que encrespou o mar, pondo em perigo a tripulação e os passageiros do navio. A pedido de Yoná, os marinheiros jogaram-no ao mar para que o temporal amainasse. *Hashem* milagrosamente fez com que um enorme peixe engolisse Yoná vivo. Ele sobreviveu no estômago do peixe durante três dias e três noites, durante os quais, orou fervorosamente pela sua salvação. Naquela hora, prometeu que ofereceria *shalmê todá*, a oferenda de ação de graças, se D'us o deixasse sobreviver: “Sacrificarei para Ti oferendas de ação de graças.”

*Hashem* aceitou as preces e as promessas de Yoná e ordenou ao peixe que o cuspsse em terra seca.

### **Como alguém oferece *shalmê todá*?**

Os *shalmê todá* eram oferecidos da seguinte maneira: levava-se um boi, cordeiro ou cabra para o pátio do Santuário, onde o animal era abatido e seu sangue era aspergido sobre o Altar. Enquanto colocava as mãos sobre a cabeça do animal, o dono recitava louvores a *Hashem* em vez da confissão (*vidui*) usualmente enunciada para os pecados.

Afora o sacrifício do animal, o dono deveria oferecer *lachmê todá*, uma espécie de *chalá*. Ao todo eram quarenta *chalot*, trinta feitas de três tipos diferentes de massa não-levedada e dez *chalot* de massa levedada. Quando a pele do animal era retirada e sua carne cortada, o *cohen* arranjava os pedaços de carne uns sobre os outros com quatro *chalot*, uma de cada tipo, sobre eles. Colocando sua mão por baixo da mão do dono, o *cohen* movimentava a carne e as *chalot* para frente e para trás, para cima e para baixo. Este movimento em todas as direções (*tenufá*) simbolicamente expressava a fé do judeu de que *Hashem* está a par de tudo e guia ativamente a vida de toda a humanidade.

Algumas partes do animal eram queimadas no Altar, o peito e a coxa eram dados para os *cohanim* e o resto, para o dono. Um décimo das *chalot* era comido pelos *cohanim* e pelas suas famílias e o resto podia ser comido pelo dono ou por qualquer outro que estivesse ritualmente puro.

O proprietário devia comer a carne e 36 pães no dia em que o *corban* é oferecido, ou na noite seguinte. É claro que ele e a família não podiam comer 36 pães neste curto espaço de tempo. O que fazer? Convidavam parentes e amigos a uma *seudat hodaá*, a refeição de agradecimento, para ajudá-los a comer tudo.

Isto é exatamente o que *Hashem* desejava que ele fizesse! Eis porque Ele ordenou que o proprietário oferecesse tantos pães! Pois durante a refeição, é claro que perguntarão ao dono: "Por que trouxe *shalmê todá* ao *Bet Hamicdash*?" Isso fará com que ele conte a história do seu milagre.

Os ouvintes então se conscientizariam da grande bondade e misericórdia de *Hashem*. Começariam a louvá-Lo pelos milagres que Ele faz por todos nós. Este é o objetivo de levar *shalmê todá*; fazer com que o dono e todos que tomavam parte na refeição refletissem sobre o quanto *Hashem* nos protege e O louvem por isso.

Nossos Sábios disseram: "Todos os sacrifícios serão abolidos na era de Mashiach, com uma exceção: a oferta de ação de graças".

Similarmente, disseram: "Todas as orações serão abolidas no futuro, exceto aquelas de agradecimento."

De que forma pode-se entender estas afirmações?

Na época de Mashiach, toda a humanidade será livre de pecado. Por isso, todos os sacrifícios que têm por função perdoar os pecados individuais se tornarão obsoletos. Porém, os sacrifícios da comunidade certamente continuarão a ser oferecidos.

Similarmente, todas as orações relacionadas a dor e sofrimento serão abolidas, já que nessa era não haverá mais nenhuma dor. No seu lugar, recitaremos orações de agradecimento e júbilo.

### **A proibição de abater um sacrifício com intenção de comê-lo após o tempo prescrito ou fora do local designado**

Não é permitido abater um sacrifício com a intenção de comê-lo após o limite de tempo estabelecido pela *Torá*, ou fora da área designada. Um sacrifício oferecido por um judeu que considera consumi-lo após o limite de tempo é chamado de *pigul*, abominável.

O prazo para consumir um sacrifício varia de acordo com seu tipo. Uma oferta de *chatat* pode ser comida no dia em que foi abatida e durante toda a próxima noite; uma oferta de *shelamim* pode ser ingerida até o pôr-do-sol do dia seguinte ao do abatimento.

Qualquer parte do sacrifício não consumida até o limite do prazo é chamada *notar* e é preciso queimá-la.

Apesar de a *Torá* mencionar as proibições acima em relação à oferta de *shelamim*, elas se aplicam igualmente a todos os sacrifícios.

### **A proibição de comer gorduras animais chamadas *chêlev***

Agora a *Parashá* nos fala das leis que se aplicam não apenas ao tempo do *Bet Hamicdash*, mas aos dias de hoje também.

Um judeu pode comer um frango apenas se este tiver sido abatido e salgado de acordo com a Lei, *Halachá*. No caso de carne de boi, ovelha ou cabra, a *Torá* ordena mais uma lei: certas partes gordas devem ser removidas antes que possamos comer a carne. As partes gordas proibidas são chamadas de *chêlev*. Após o animal ser abatido, um homem especialmente treinado, o *menaker*, retira a gordura proibida. Um *menaker* deve estudar as leis para saber qual gordura é *chêlev*. Deve tirar cuidadosamente cada pedacinho de *chêlev*.

Por isso, antes de o judeu comer um pedaço de carne, deve certificar-se não apenas de que o animal foi abatido corretamente, mas também que o *chêlev* foi removido por um especialista temente a D'us, e conhecedor das Leis.

## **Não podemos ingerir sangue**

*Hashem* ordenou a Moshê: "Um judeu não deve ingerir sangue!"

Antes de comer um pedaço de carne ou frango, o judeu deve assegurar-se que provém de animal ou ave *casher*. Mas isto não é suficiente. Precisa ser ainda abatido e posteriormente não pode ser ingerido até que o sangue seja todo removido.

Como o sangue é removido da carne ou do frango?

A carne (ou frango) é mergulhada em água fria por meia hora. Então é cuidadosamente salgada em todos os lados. O sal atrai o sangue para fora. A carne é deixada com o sal por cerca de uma hora numa posição que permita ao sangue escoar, como numa tábua inclinada. A carne é então enxaguada podendo agora ser cozida e ingerida. Todo o sangue que ainda permaneça na carne após ter sido imersa e salgada desta maneira pode ser consumido.

A proibição de ingerir sangue é reiterada inúmeras vezes na *Torá*.

Uma das razões para esta proibição é que o sangue constitui a essência da vida. Ingerindo o sangue proibido, a pessoa instila dentro de si um pouco da crueldade do animal, que pode soltar as rédeas de suas próprias tendências selvagens.

Nós, os recebedores da *Torá*, devemos cultivar dentro de nós traços de sensibilidade e compaixão. Comer sangue ou gordura proibidos desenvolve em nossas almas traços de grosseria e bestialidade.

## **Aharon e os *cohanim* são convocados para o serviço do *Mishcan* (Tabernáculo)**

Os eventos deste capítulo, que trata da consagração do *Mishcan*, são também descritos na *Parashá* de *Tetsavê* no livro de *Shemot*.

Sete dias antes de o *Mishcan* ser finalmente erguido, em 23 de *Adar*, *Hashem* ordenou a Moshê que chamasse Aharon e seus filhos, os *cohanim*, para treiná-los a vestir os trajes sacerdotais e a realizar todos os procedimentos que envolviam as oferendas e sacrifícios.

"Convoque Aharon", disse D'us, "e persuade-o a officiar como futuro Sumo Sacerdote."

Era preciso persuadi-lo gentilmente por duas razões. Primeiro, Aharon estava consternado com a manifestação de raiva tanto por parte de *Hashem* como por parte de Moshê, depois do pecado do bezerro de ouro. Por isso não queria servir no *Mishcan* e precisava ser atraído com palavras que expressassem afeição.

Mais ainda, ele relutava em aceitar a distinta posição de Sumo Sacerdote por causa de sua modéstia.

"Eu sei que ele afasta-se de altas posições", disse D'us. "Por isso, use persuasão."

## ***Hashem* pode acomodar pessoas num espaço que parece pequeno demais para contê-las**

"Reúna todo o povo no pátio do *Mishcan*", continuou D'us a ordenar a Moshê, "para assistirem às cerimônias de consagração durante os sete dias da inauguração do *Mishcan*."

Ouvindo esta ordem, Moshê perguntou-se como seria viável congregar todo o povo de *Yisrael* no pátio do *Mishcan*, sendo que este pátio media 24m x 48m, dos quais, 83 metros quadrados eram ocupados pelo próprio *Mishcan*. Uma área adicional era ocupada pelo Altar e pelo lavatório. A área que sobrava era pequena demais para acomodar seiscentos mil homens.

*Hashem*, no entanto, informou a Moshê:

"Não pergunte como esta façanha pode ser realizada. Posso fazer caber numa pequena área um conteúdo que ultrapassa sua capacidade." Este tipo de milagre foi realizado por D'us em várias ocasiões:

- Na época do *Bet Hamicdash*, este milagre ocorria regularmente. Quando as pessoas chegavam ao pátio, a multidão era enorme. Porém, quando começavam a orar, cada um encontrava-se repentinamente com 2 metros extras à sua frente e meio metro extra em todas as outras direções.
- No futuro, nós também veremos o grande milagre no qual uma área comportará mais do que a sua capacidade natural. *Hashem* ressuscitará todos os *tsadikim* que viveram desde o primeiro homem, levando-os para *Êrets Yisrael*. Aí, a Terra se expandirá milagrosamente para acomodar todos aqueles que retornarão. Nenhum judeu sofrerá por falta de espaço.
- Durante os dias de inauguração do *Mishcan*, todos os homens couberam dentro do pátio. *Hashem* queria que cada judeu observasse a consagração dos *cohanim*, para que cada um manifestasse uma atitude respeitosa perante o sacerdócio. Mais ainda, D'us queria que todos testemunhassem a revelação da *Shechiná* indicada pela descida do fogo Celestial sobre o Altar.

No *Bet Hamicdash*, o milagre de uma área limitada comportando um conteúdo acima de sua capacidade normal era necessário, já que os judeus se prostravam durante as preces. Por isso, cada um precisava de dois metros a sua frente, a altura média de uma pessoa. *Hashem* também provia-os de espaço livre de meio metro dos lados e atrás de cada um, para que pudessem orar sem serem distraídos pelas preces de seus vizinhos. Mais ainda, este espaço evitaria o embaraço dos oradores, já que sua confissão de pecados (*vidui*) não chegaria aos ouvidos dos vizinhos.

Moshê fez aquilo que *Hashem* ordenou, congregando Aharon, seus filhos e *Benê Yisrael* no pátio do *Mishcan*. *Hashem* realizou este milagre especial para que todos pudessem ver com seus próprios olhos o que era feito a Aharon e os outros *cohanim*.

*Hashem* queria que cada judeu soubesse claramente que fora Ele quem escolhera Aharon e seus filhos para servirem no *Mishcan*. Ninguém jamais pensaria que Moshê tinha com suas próprias mãos escolhido seu irmão Aharon e os filhos para esta elevada posição. (Assim mesmo, Côrach argumentou mais tarde que Aharon não tinha sido escolhido por *Hashem*.)

### **O que aconteceu durante os sete dias da inauguração do *Mishcan***

Apesar de não ser um *Cohen Gadol* permanente, nem mesmo um *cohen*, Moshê assumiu o papel de Sumo Sacerdote durante os sete dias de inauguração. Vestindo trajes brancos, ele serviu como Sumo Sacerdote enquanto Aharon o observava.

A princesa casou-se muito jovem. O rei, seu pai, temia a possibilidade de ela não ser capaz de cuidar de si mesma. Por isso, ordenou que uma nobre a acompanhasse ao seu novo lar e a assistisse até que a princesa aprendesse a cuidar de si mesma.

Similarmente, Aharon tinha, até então, servido como *levi*. Agora lhe era exigido que executasse o novo serviço de *Cohen Gadol*. Por isso *Hashem* ordenou a Moshê:

"Treine-o até que saiba realizar o serviço independentemente. Salpique o sangue em sua presença e purifique o Altar enquanto ele observa."

Durante sete dias, Moshê realizou todos os detalhes do serviço de consagração, assim como estão descritos na *Parashá* de *Tetsavê*.

Todos os judeus assistiram enquanto Moshê preparava Aharon para seu novo trabalho como *Cohen Gadol*: Aharon imergiu em um *micvê* para tornar-se puro. Então Moshê levou Aharon ao *kiyor* (lavatório) e lavou-lhe as mãos e os pés.

O povo viu como Moshê vestiu Aharon com as esplêndidas vestimentas.

Finalmente, Moshê trouxe o *shêmen hamishchá*, o óleo para unção. Passou um pouco sobre o *Mishcan* e os utensílios para torná-los sagrados. Também borrifou-o sete vezes sobre o Altar no pátio. Então derramou um pouco sobre a cabeça de Aharon. Depois disso, Moshê lavou e vestiu os filhos de Aharon perante todo o povo.

Ele ofereceu os sacrifícios inaugurativos diariamente, um boi e dois carneiros. Sozinho, abateu os animais, aspergiu o sangue e removeu as cinzas do Altar.

Em cada um dos sete dias, Moshê desmontava todo o *Mishcan* à noite, montando-o novamente pela manhã.

Moshê era um professor maravilhoso; Aharon e os filhos, ótimos alunos; ouviam avidamente as instruções.

*Hashem* ordenou que durante os sete dias de inauguração os *cohanim* não poderiam abandonar seus postos por razão alguma.

Sete dias se passaram e o oitavo e grande dia era iminente. Nele, os *cohanim* tinham ordens de realizar o serviço pela primeira vez independentemente, fazendo com que a *Shechiná* descesse sobre o *Mishcan*.

Todos os judeus esperaram em suspenso o oitavo dia de dedicação. Assim termina nossa *Parashá*.